

Conflito de identidade, identificações partidas e práticas clínicas: a identificação nas psicoses ordinárias

Mirta Zbrun

A identificação é conhecida na psicanálise como a manifestação mais precoce do enlace afetivo a outra pessoa e desempenha um importante papel na pré-história do Édipo¹.

De onde se murmura a frase de Lacan "todo mundo é louco, quer dizer delirante"? Do lugar do Já - Ninguém, do lugar do Gozo, com maiúscula².

O trauma: quem somos nós?

O fenômeno da globalização em curso tem gerado a crise das identidades nacionais, crise da identidade dos sujeitos que são interpelados nas diversas sociedades e enfrentam a questão por vezes traumática: quem somos nós?³.

A resposta, qualquer que seja, pode ser interpretada como uma manifestação da "Spaltung" do sujeito", tal como formulou Freud no escrito *Ich spaltung*, nos remetendo ao esforço teórico-clínico empreendido por ele para conhecer o homem e a sociedade de massa de sua época. Tal esforço produziu conceitos na Psicanálise que hoje podem nos orientar na tentativa de diagnosticar o sintoma que domina a sociedade da era do conhecimento, como via de acesso às identificações próprias das psicoses ordinárias como fenômeno frequente em nossa época, tal como se manifestam na prática clínica de hoje.

Primeiro com Freud

A partir da pergunta sobre o modo como um grupo se forma e sobre a sua capacidade de exercer influência na

vida dos sujeitos, Freud, em "Psicologia de grupo e a análise do ego"⁴, pensa que a pulsão, através do amor ao semelhante, engendra laços que se vivificam pela identificação, seja ela imaginária, narcisista ou histérica.

Sabemos que o conceito de "traço unário" - *ein einziger Zug*, introduzido por Freud⁵, contém tanto o que é da ordem do significante, quanto o que é da ordem do objeto. Ambos, significante e objeto, são constitutivos da noção de sujeito, do sujeito da determinação significante e do sujeito da indeterminação do último ensino de Lacan. Faltaria demonstrar se tais categorias estão, ainda hoje, presentes no *falasser (parlêtre)*, última concepção da categoria do sujeito lacaniano.

Ao analisar a noção de identificação, o que parece contraditório torna-se um sinal discreto e único para a interpretação dos sintomas e das identificações na prática, em particular, quando se trata da clínica das psicoses ordinárias.

Em Freud, as identificações adquirem um caráter parcial, como no caso da identificação com o pai que lemos em "Psicologia de grupo e a análise do ego"⁶, uma identificação com o ideal que é sim 'um traço'. Para Lacan, não se trataria aqui de eu ideal, e sim do ideal do eu, que escrevemos: I(A). A primeira, uma projeção imaginária, e a segunda, uma introjecção simbólica, ambas identificações, consideradas fundamentais, são produzidas, como já o assinalamos, a partir de um *ein einziger Zug*, de um traço único⁷. Em relação à identificação histérica, ela ocorre onde o traço se assinala como 'insígnia' de um desejo, porém um desejo não realizado, que se apresenta por um instante em um outro qualquer com o mesmo problema, o da pergunta referente ao desejo⁸.

Com Lacan

A identificação como identificação ao significante é postulada por Lacan no seminário, livro 9, "A Identificação"⁹. Nesse seminário Lacan trata a identificação freudiana de forma diferente da identificação mítica, pré-simbólica, ao afirmar que o sujeito do inconsciente se encontra ancorado na identificação inaugural, como afirmamos acima, ao *traço unário*, totalmente despersonalizado.

O traço unário, destacado por Lacan na identificação freudiana, e desenvolvido no seminário sobre a identificação¹⁰, é definido como aquilo que todo significante tem em comum, a saber, o fato de ser antes de tudo constituído como traço e de ter esse traço como suporte. Fato pelo qual todo o resto dessa operação significante insiste em retornar. Esse resto é um dos nomes do objeto, o objeto *a*, que se situa em relação ao sujeito e ao mesmo tempo é heterogêneo ao significante, diferente de todo significante. Esse objeto suporta qualquer identificação e ao mesmo tempo ele é como o resto, aquilo que *somos nós*.

Afirma ainda Lacan que na fundação do UM, do Há Um que tal traço constitui, somente pode ser pensada em sua 'unicidade' enquanto esse traço é, como todo significante, sempre primeiro. Ele é um traço distintivo, único, que cria a função do UM: existe o Um - *il y a de l'Un* -, o Um da unicidade que virá constituir o sujeito em sua relação com o Outro¹¹. Esse Um se fará representar por um significante extraído como um 'traço unário' desse Outro. Além disso, ele carrega em si o suposto encontro com o objeto, pois surge do encontro com esse objeto por ser algo do objeto que retém na sua unicidade¹².

Identificação nas psicoses ordinárias

A expressão psicoses ordinárias foi cunhada por Jacques-Alain Miller na *Conversação de Antibes*, na França,

em 1987¹³. Rômulo Ferreira da Silva assinala que o termo psicose ordinária "deve se referir a uma maneira específica de estruturação de certas psicoses que lhes confere essa denominação. Uma psicose que, de alguma maneira podemos afirmar que não se desencadeará".

Em seu texto sobre a psicose ordinária, publicado em *Opção lacaniana Online*¹⁴, Miller afirma que a psicose ordinária deve ser definida a posteriori, porque ela não tem definição rígida. Ele não inventou um conceito com a psicose ordinária, mas apenas uma palavra, uma expressão, um significante, um esboço de definição que pudesse atrair diferentes sentidos, diferentes ecos de sentido em torno desse significante. Afirma também que não ofereceu um saber-fazer sobre a utilização desse significante, fez apenas a aposta de que esse significante podia provocar um eco no clínico, no profissional, e que ele ganhasse amplitude, para ver até onde essa expressão podia ir.

Assim, um novo campo de estudo se abre na clínica das psicoses e das pré-psicoses, momento que antecede o abismo do desencadeamento, procura de uma compensação para a *Verwerfung*, para a foraclusão do seu significante primordial. Como essa busca se resolve? Como acontece tal estabilização? Ele poderá encontrar *identificações* que atuem como *bengalas imaginárias*, traços imaginários que o assegurem numa identidade que, embora provisória, tem como efeito o alcance de certa estabilização subjetiva. Lacan utiliza o exemplo de um banquinho de três pés para falar desse momento pré-psicótico em que o ser do sujeito se sustenta no apoio imaginário, em alguma forma de identificação imaginária [i(a)] ao outro, para sair do abismo em que está prestes a se afundar. O valor da identificação imaginária nesse momento é de imensa salvação para um sujeito em conflito com sua existência.

Ao se basear nos estudos de De Clérambault, Lacan vai privilegiar os fenômenos do automatismo mental para falar

das psicoses, e a pré-psicose será uma psicose que ainda não se desencadeou, porque o diagnóstico não é feito a partir de fenômenos claramente psicóticos, mas de fenômenos chamados de franja, discretos.

Se a identificação se dá pela via de um traço, será necessário estudar que função pode ter a identificação para cada sujeito, em especial o sujeito a ser diagnosticado no campo das psicoses ordinárias. Entretanto, a identificação em si mesma não comporta uma finalidade, não haveria nela intencionalidade, e sim a possibilidade de ir ao encontro do sujeito enquanto sujeito do inconsciente, ao encontro do falasser. Lacan denominou Nome-do-Pai esse significante fundamental no Outro, cuja falta o sujeito terá de suprir. A psicose será justamente caracterizada pela falta, pela forclusão que Freud denominou *Verwerfung* desse significante Nome-do-Pai¹⁵.

Elucidar as modalidades de gozo nas psicoses ordinárias

Como elucidar as modalidades de gozo na psicose ordinária tendo como instrumento a identificação, já que a identificação nos conduz sempre às relações entre o sujeito e seu objeto? Para introduzir essa questão, lembremos que o aforismo *Há-Um* é estabelecido por Lacan em um dos momentos teóricos mais criativos do seu ensino, onde ele expõe toda a complexidade dessa questão para o discurso analítico e a experiência clínica, a saber: para definir a lógica da sexuação e pensar a natureza do gozo feminino como não-todo.

O propósito desse texto é tratar o aforismo *Há-um* e variá-lo em extensão e compreensão e, para isso, formular que entre o gozo do Um e o Outro há uma oposição fundada no autismo do gozo. E afirmar, ainda, que o gozo, mais além do desejo, se transforma em modelo, numa forma capaz de fazer girar a teoria em volta desse conceito do gozo do Um.

Estamos diante da nova "forma" introduzida por Lacan, da existência do Um e de sua *jouissance*. Para pensar a identificação nas psicoses ordinárias, além das relações entre o sujeito e seu objeto, deve-se esclarecer a função conceitual do gozo. Lacan introduziu a problemática da não representação nesse Outro do ser sexuado, e o matema $S(\mathbb{A})$ tinha o valor dessa antinomia, pois escrevia uma carência do Outro como ser sexuado, ainda que o gozo respondesse à estrutura da cadeia significante.

Sem dúvida, isso não foi suficiente para resolver a representação sexuada do ser do sujeito, quando pensa o gozo a partir do Outro. Porém essa perspectiva do conceito se inverte no seminário 20 *Mais ainda*¹⁶, após as elaborações do seminário 19...*ou pior*, quando enfim partirá do gozo, do gozo do Um, e depois situará o Outro. O aforismo Há-Um nos vai conduzir definitivamente a um "outro Lacan" e, em consequência, a uma clínica do gozo do Um, que nas psicoses ordinárias torna-se paradigmática¹⁷.

Clínica do gozo do Um: clínica das psicoses ordinárias

O aforismo lacaniano "todo o mundo é louco, ou seja, delirante", elucidado por Miller¹⁸, resulta do novo estatuto dado ao Nome-do-Pai, o de semblante (*semblant*) e não mera aparência, representar sem estar representado. No final do ensino de Lacan, o Nome-do-Pai, tal como o objeto a e o falo imaginário (-phi), é considerado semblante. Dessa maneira, ao falar de um delírio generalizado, este não equivale ao delírio psicótico, pois o transtorno da linguagem próprio ao delírio psicótico que emerge do real enquanto foracluído do simbólico, é desencadeado por um significante ligado ao sujeito, que lhe é enigmático. A expressão psicoses ordinárias foi cunhada por Jacques-Alain Miller na *Conversação de Antibes*, na França, em 1987.

No curso de orientação lacaniana *Todo el mundo es loco*¹⁹, Miller propõe que a frase de Lacan 'Todo mundo é louco, quer dizer delirante', que se encontra publicada na data de 10 de outubro de 1978 como parte de seu ensino do Seminário "O momento de concluir", último seminário de Lacan, deva servir de bússola para nos guiar no ultimíssimo ensino de Lacan, assim como em nossa prática. Porque para elucidar o ensino de Lacan, "devemos, por um efeito de retroação, ordena-la a partir de sua meta final"²⁰.

Miller propõe a frase "todo o mundo é louco, quer dizer delirante" como uma bússola, ou orientação, como foram, no momento do seminário, livro 3, *As psicoses*, o Nome-do-Pai e a metáfora paterna. Pivô fundamental de seu ensino para poder escutar em cada caso se há ou não (há) Nome-do-Pai e poder definir a psicose.

Na fase final de seu ensino, a nota está dada não por uma partição entre os que têm e os que não têm o Nome-do-Pai. Agora trata-se mais de *todo mundo*, o que não leva a uma partição, a uma segregação. Se a 'rota romana' levava a uma direção, o que se depreende da frase 'todo mundo é louco, quer dizer delirante', não pode dar uma orientação, porque se trata de uma orientação dada por uma superfície topológica, como a banda de Moebius, ou qualquer outro objeto topológico, que em si mesmos são não orientáveis.

Porém, de onde Lacan pode formular essa frase? De onde ela se pronuncia, de onde ela pode ser proposta como tese? A resposta a essas interrogações podem ser encontradas em uma bem conhecida referência lacaniana em relação à pergunta maior: "Que sou eu?", no sentido de quem sou como sujeito? A resposta está na não menos memorável frase: "Sou no lugar de onde se vocifera que 'o universo é uma falha' na pureza de não-ser"²¹.

Essa bússola do ultimíssimo ensino possibilitará, na teoria, a postulação do conceito clínico de psicoses ordinárias. Mas cabe ainda perguntar de onde provém essa

frase, que não admite em si mesma uma orientação. No próprio Lacan, em outro de seus escritos, encontramos a resposta: do 'lugar de uma ausência'; 'o lugar de mais-ninguém', o lugar do Gozo escrito com maiúscula²².

É também o lugar da identificação imaginária [i(a)] ao Outro especular como Gozo do Um²³. E vem substituir a identificação simbólica [I(A)]. Uma identificação com o lugar do Gozo, um lugar sem palavras, lugar de puro nada, de puro Gozo onde não há lugar para a identificação necessária para o advir do sujeito. Lugar onde reside o "ser do sujeito e o nome articulado ao gozo"²⁴, um ser de Gozo e não de existência, não um *parlêtre* (falasser) capaz de falar de seu desejo. Podemos nomear tal identificação ao traço unário como identificação ao Gozo.

Na clínica das psicoses ordinárias são mais facilmente encontradas as identificações a esse Gozo do Um, O Um do Há-Um. Por outro lado, as identificações ao ideal do eu aparecem mais frágeis, débeis, e as identificações ao eu ideal fortalecem-se na maioria dos casos. O amor a si mesmo é sinal do que podemos chamar de 'identidades partidas', fruto muitas vezes dos fenômenos de franja ou de borda que, em parte, definem essas psicoses ordinárias, mas que provavelmente nunca manifestaram os desencadeamentos próprios da metáfora delirante das psicoses extraordinárias.

¹ FREUD, S. (1996[1921]). "Psicologia de grupo e a análise do ego". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

² MILLER, J.-A. (2010[2007-2008]). *Todo el mundo es loco*. Buenos Aires: Paidós.

³ HUNTINGTON, S. P. (2014). *Qui sommes-nous. Identité nacional Choc dès Cultures*. Paris: Odile Jacob.

⁴ FREUD, S. (1996[1921]). "Psicologia de grupo e a análise do ego". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Op. cit.

⁵ IDEM. (1996[1914]). "Sobre o narcisismo: uma introdução". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Op. cit.

-
- ⁶ IDEM. (1996[1921]). "Psicologia de grupo e a análise do ego". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Op. cit.
- ⁷ ALMEIDA, P.; CASTILHO DE SOUZA, L. & ZBRUN, M. (Orgs.). (2013). *Referências de Lacan: seminário 19 ... ou pior*. Rio de Janeiro: KBR Ed., pp. 82-84.
- ⁸ LACAN, J. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p. 447.
- ⁹ LACAN, J. ([1961-1962]). "A identificação". Seminário inédito.
- ¹⁰ IDEM. (2012[1971-1972]). *O seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp. 121-123.
- ¹¹ IDEM. ([1961-1962]). "A identificação". Seminário inédito, lição de 22 de novembro de 1972.
- ¹² IDEM. *Ibid.*, lição de 24 de janeiro de 1962.
- ¹³ MILLER, J.-A. (2006[1998]). *Las psicosis ordinarias*. Buenos Aires: Paidós Ed., p. 201.
- ¹⁴ IDEM. (2010[2009]). "Efeito de retorno à psicose ordinária". Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_3/Efeito_do_retorno_psicose_ordinaria.pdf.
- ¹⁵ LACAN, J. (1997[1955-1956]). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp. 209-222. Ver também: LACAN, J. ([1961-1962]). "A identificação". Seminário inédito, lição de 22 de novembro de 1972.
- ¹⁶ IDEM. (2012[1971-1972]). *O seminário, livro 19: ... ou pior*. Op. cit., pp. 94-95.
- ¹⁷ ZBRUN, M. (2015). "Do Gozo do Um e do Outro". In: *Leitura do Seminário 19 ...ou pior de Jacques Lacan*. Salvador: EBP-BA, p. 99.
- ¹⁸ MILLER, J.-A. (2010[2007-2008]). *Todo el mundo es loco*. Op. cit., p. 317.
- ¹⁹ IDEM. *Ibid.*, p. 319.
- ²⁰ IDEM. *Ibid.*, p. 316.
- ²¹ LACAN, J. (2012[1960]). "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 834.
- ²² IDEM. (2012[1960]). "Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: 'Psicanálise e estrutura da personalidade'". In: *Escritos*. Op. cit., pp. 673-674.
- ²³ ZBRUN, M. (2015). "Do Gozo do Um e do Outro". In: *Leitura do Seminário 19 ...ou pior de Jacques Lacan*. Op. cit., pp. 100-101.
- ²⁴ MILLER, J.-A. (2010[2007-2008]). *Todo el mundo es loco*. Op. cit., p. 318.